

digitAR

Arqueologia
Archaeology

digital

quites
chitectures

APRESENTAÇÃO

Carla Alexandra Gonçalves

CEAACP - Centro de Estudos em Arqueologia,
Artes e Ciências do Património

O Grupo de Estudos Multidisciplinares em Arte do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património conta com uma equipa de investigadores que trabalham no âmbito da escultura, da arquitectura, da pintura, da arte integrada, da teoria da arte, da museologia, entre outras categorias que pretendem pensar-se de forma articulada com a arqueologia e as restantes ciências humanas e sociais, promovendo sistemas de pensamento transversais e transdisciplinares.

Desta forma, e porque a investigação deve consubstanciar um processo aberto, dinâmico e integrado, foi lançado à comunidade científica um conjunto de preocupações comuns pela sua transversalidade: o estudo do corpo através das suas representações.

Deste desafio resultou o encontro científico que reuniu investigadores portugueses e espanhóis oriundos das mais diversas áreas de intervenção e de prática. O encontro saldou-se no primeiro colóquio internacional titulado *O Corpo através da Imagem* e numa exposição que deu a conhecer trabalhos fotográficos e uma vídeo-instalação, todos inéditos e ideados a partir das mesmas preocupações teóricas.

A representação do corpo, no que ele significa, na sua lírica, no seu discurso e através da sua presença no espaço e no tempo reflectem um conjunto de inquietações que acompanham o homem desde sempre. Reflete as ideias que o homem tem dele mesmo, bem como dos demais, e constitui-se como um material de investigação que, integrado, possui

uma textura muito relevante. O corpo é, para além de um instrumento, também um reflexo de determinadas dinâmicas sociais, culturais e mentais e é assim que o *estudo das suas representações* estimula e constrói o pensamento sobre o Homem de uma forma viva e constantemente renovada.

O corpo representa a vida com todas as suas *histórias*: a história dos nascimentos, do desenvolvimento, da doença e da morte, dos costumes, das tecnologias corporais, do medo, do desejo, da monstruosidade, da intimidade, do sonho, da alma que o corpo encerra ou descerra, entre tantas outras que conformam tantos outros retratos do homem e que se constituem como objectos particulares de indagação.

A *biografia do corpo* tem vindo, paulatinamente, a ganhar um novo lugar na historiografia. Numa época em que se interrogam determinados valores tais como a perpetuidade da beleza, da juventude e da sanidade, o amor, a individualidade, a doença (e as pestes), o desejo, e também a liberdade, entre outros, a vida e a morte adquirem um novo espaço nas inquietações humanas.

Por outro lado, resta o espaço do próprio corpo enquanto entidade que ainda se desconhece, sobretudo na sua relação com o sujeito que o possui, e na relação com os outros corpos; na relação com as emoções e com os medos e, também, na sua relação com a alma que durante tanto tempo se pensou encerrada no interior da carne corruptora. O lugar que compete ao corpo, que lhe pertence no seio das sociedades e dos tempos revisita-se aqui

à luz da sua própria materialidade para o poder captar nas densas teias da sua mais remota essência.

A obra de Philippe Ariès, e continuada por Georges Duby, *História da Vida Privada*, editada em Portugal pela Afrontamento em 2006, veio demonstrar este interesse do público sobre o tema da vida privada no Ocidente, incitando a historiografia a dedicar um espaço próprio aos horizontes da história antropológica com objectivos concretos no reconhecimento de outras esferas do conhecimento do homem.

Em 1990 publica-se em Portugal a obra de Jacques Le Goff, *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*, estudo que leva a cabo uma história etnográfica e antropológica, pretendendo entender os silêncios (da História) que falam, obtendo informações com base nos vazios, cujos sentidos procura, e perseguindo, através deles, aquela visão de conjunto do Homem em sociedade. Foi também pela mão de Jacques Le Goff e Nicholas Troung que surgiu *Uma História do Corpo na Idade Média*, obra que sintetiza uma investigação produzida sobre o corpo e as suas práticas.

Em 2004 reedita-se a colectânea de textos titulada *Corpo e História*, organizada por Carmen Lúcia Soares, e editada pela Editora Autores Associados (Campinhas, Rio de Janeiro). Trata-se de um texto que procura tratar o corpo na sua diversidade, juntando artigos que vão desde a medicina à filosofia, e com um caminho trilhado entre a Antiguidade Clássica e a Época Contemporânea, miscigenando ideias que garantem a complexidade do que é estudar o corpo como forma de alcançar o Homem.

Refira-se também o importante volume que resultou do primeiro encontro científico sobre o corpo, coordenado por Ana Isabel Buescu, João Silva de Sousa e Maria Adelaide Miranda Buescu, *O corpo e o gesto na civilização medieval*, editado em 2006, que funciona como uma espécie de motor de arranque na investigação portuguesa sobre a história medieval do corpo. O volume que Alain Courbin, Jean-

Jacques Courtine e Georges Vigarello organizaram, intitulado *História do Corpo* e dada a lume em 2008 pela Petrópolis, vem, do mesmo modo, demonstrar um repetido interesse pela sistematização do problema da esfera privada e, de certa forma, também pelo corpo enquanto sujeito de devir(es), ou enquanto *estrutura com história*.

Em 2011, surge a obra organizada por José Mattoso, *a História da Vida Privada em Portugal*, dividida em vários volumes, que remete para o quotidiano nacional com grande rigor. Trabalha-se aqui a dicotomia das esferas pública e privada (cujos lugares de importância historiográfica têm sido alternados), mas tocando outros assuntos, tais como a história das condutas, as práticas do corpo, ou a sua *tecnologia*, entre outros lugares de análise que merecem especial atenção.

O corpo também tem merecido algum lugar de destaque como tema de encontros científicos, como o que ocorreu em 2011, na 14.ª edição das jornadas históricas, organizadas pela Câmara Municipal de Seia e coordenadas por Fernando Catroga, subordinado ao tema *A História e o Corpo*. Refira-se ainda o seminário realizado em Maio de 2012, organizado pela Universidade Lusófona de Lisboa, titulado *O corpo memória e identidade*.

Faltava um estudo sobre o corpo partindo das relações com a sua própria representação. Uma nova abordagem que parte da realidade artística, das formas, das imagens e das figuras, e também dos espaços e das cidades que se idealizaram para albergar corpos com as suas vidas. Nesta circunstância, *reconstrói-se* a história do corpo partindo das suas imagens. Porque a *história do corpo* tende a edificar-se como um assunto que intenta, numa perspectiva baseada em eixos transdisciplinares, compreender o Homem na sua relação com a vida e com o mundo que constrói e habita.

A abordagem sobre os conteúdos relacionados com o Homem determina

uma área científica específica, onde são accionadas metodologias próprias de trabalho e formas diferentes de tratar os problemas que se colocam. Sendo certo que a moderna História da Arte já não se compraz apenas com o estudo das obras de arte no tempo, importa verificar que uma *História da Arte científica* vai agora ao encontro de realidades que, até há bem pouco tempo, não entendia como dilemas que lhe eram próprios. Assim, interroga-se agora uma quantidade crescente de registos materiais e imateriais integrados que, articulados ou re-arrumados, vão oferecendo uma nova e enriquecida visão do Homem. A História da Arte passa a interessar-se por novos objectos de trabalho que, por sua vez, enveredam por novas metodologias de investigação, obrigando à constante modernização de processos e elaborações teóricas. Neste sentido, e se os caminhos desta ciência pareciam estabilizados, na actualidade, o sentido e os percursos estabelecidos, pela sua constante abertura ao novo, pelas novas categorias e exigências, pelos olhares lúcidos que cria, pela espessura dos seus processos transdisciplinares (em constante articulação directa com outras áreas do saber, como as das ciências exactas e tecnológicas, das quais já não pode prescindir), pela abrangência dos seus objectos de análise, pela expansão das suas fontes, pela sua lógica interna que desenvolveu uma área de ininterruptos questionamentos, exigem do investigador um sempre renovado âmbito de actuação e de procedimentos.

A história da arte não se dissocia da antropologia (e da antropologia das imagens), da arqueologia, da sociologia, da filosofia, da psicologia, da teoria artística, da estética, da crítica, da literatura, da prática artística, dos estudos do património... e também da história dos costumes e da história das expectativas dos homens, entre outros temários que cumpre articular para descobrir o que o tempo esconde. Tal e qual como, em obrigatória transdisciplinaridade, importa a articulação a outras áreas científicas, nomeadas como exactas e tecnológicas, na medida em que todas elas interferem na resolução do mesmo enigma que é a vida e o homem.

Em conclusão, a História da Arte é uma ciência que investiga em eixos de problematização cada vez mais amplos e complexos. Deve, por isso, o historiador da arte atender aos amplos caminhos que a transdisciplinaridade lhe abrem, ou que se lhe impõem, numa altura em que a ciência se constrói como um sistema de conhecimento integrado.

É nesta conjuntura de grande abertura e liberdade de indagação metodológica que surge este tema de trabalho: o *corpo através da imagem*. A particularidade do caso refere-se ao facto de se trabalhar a partir do corpo e das suas representações, da sua escala, dos seus sinais e símbolos, das suas referências, das suas manifestações, entre tantas possibilidades, para que possa chegar-se ao homem que assim se expõe e demonstra.

Desde o nascimento até à morte vive o homem com o seu corpo e com os corpos remanescentes que, com o seu, se encontram e relacionam. O corpo determina a imagem (exterior e interior) que cada sujeito faz de si, bem como as imagens que capta dos restantes indivíduos que, com ele, habitam no espaço e para além do tempo (as imagens dos corpos e dos gestos perpetuadas oferecem a possibilidade de perenizar determinados sujeitos). É através do corpo que o homem se comporta e se exprime, comunicando, agindo, promovendo, empreendendo... Sem o seu corpo, com as suas formas, não podia o homem realizar tudo quanto faz, nem esperar do outro aquilo que o outro ajuda a realizar, enformando sistemas globais.

Ainda assim, o corpo estabelece-se como uma realidade mutante e muito frágil, sujeita a constantes variações que o deterioram, acabando por fazê-lo desaparecer. Foi por isso que o homem instituiu, desde sempre, uma forte relação com o incorpóreo. E é esta dualidade entre o perecível e o eterno que fez do homem um sujeito singular, permanentemente preocupado com as suas origens, procurando, a partir delas, levantar os véus do seu caminho rumo ao fim.

É empreendendo este caminho entre as origens e o fim que o homem se resolve, promovendo a investigação sobre si próprio no mundo que, com ele, estabelece elos fecundos. E entre o início e o fim convive o homem com a natureza que sobre ele age e reage, construindo um sistema que, se devidamente reconhecido, mais fácil será de moldar, atendendo às necessidades do corpo e da vida. Controlar o corpo é, então, uma actividade intimamente ligada ao mundo que lhe é exterior, porque controlar o corpo é, também, viver em harmonia com o cosmos e com os tantos corpos que habitam o mesmo corpo ou o mesmo espaço, ou ainda outros espaços que com o seu possam desaguar num qualquer relacionamento.

Estudar o corpo através das suas imagens é, então, propor novas vias de pesquisa determinadas pela relação do homem com o seu corpo, mas também com a natureza, com os outros corpos, com os seus sistemas de regulação e de manutenção, com os seus medos, com a doença, com o reflexo, e com os sistemas de códigos e de imagens que criou para sistematizar-se, e também para perenizar-se, para reconhecer-se, para controlar-se, para se organizar no todo e para se garantir no caos.

E estudar o corpo através das imagens é partir das representações materiais do corpo, da representação das suas doenças corporais, das doenças da alma, da tecnologia do corpo, do nascimento, da morte, das idades da vida, do medo, do amor, da fantasia, do gesto, da festa, da solidão, do zodíaco, da deformidade, da beleza, mas também das referências corporais que residem nos planos arquitecturais e das cidades, para obter e gerir as informações sobre a vida e sobre a história do homem.

Desta forma se inverte o processo tradicional de realização historiográfica que utiliza as representações do corpo como ilustração, ou como suporte visual para legitimar as teorias, reivindicando-se agora a (re)construção do "retrato" do Homem, partindo, precisamente, das suas figurações.